- Barbosa de Monaes mentiqua outras obras do autor, mas não esta

- anonimo

PANEGYRICO

DEDICADO

AO SENHOR

D. JOÃO SEXTO

PAI DA PATRIA, E DO SEU SECULO,

MODELO DOS IMPERANTES,

REI MELHOR, QUE OPTIMO REI;

Por occasião da solemne, e augusta inauguração da Real Effigie de Sua Magestade em o dia do seu anniversario 13 de Maio, nos Paços da Camara Constitucional de Lisboa, no anno de 1823.

POR

FILIPPE ALBERTO PATRONI MARTINS MACIEL PARENTE.

natural de Belém do Pará (Brasil)

LISBOA: 1823.

NA TYPOGRAPHIA DE DESIDERIO MARQUES LEÃO.

Vende-se na mesma officina no largo do Calhariz n.° 12.

RPJCB

PANEGYRICO.

SE da presente oração o argumento fôra celebrar huma victoria, tecer o elogio de hum heroe sanguinario, compôr a apotheose de hum tyranno; ser-me-hia facil pedir á torpe lironja e grosseira adulação as flores da eloquencia, e servindo-me dos traços communs de pintores desprezíveis esboçar hum quadro deleitavel aos olhos de nescios e ignorantes juizes. O assumpto porem, Senhores, he transcendente em demazia. Erguendo minha debil voz perante hum illustre auditorio composto d'homens illuminados e livres, eu devo tributar encomios a hum Monarca, cujas excelsas virtudes são notorias ao mundo inteiro. Ah! que triunfo alcanço neste momento! Se por falta de sciencia não posso equipararme a Plinio, ninguem todavia contestará a duplicada gloria, que me-cabe, por a superioridade do meu objecto. Aquelle orador não consagrava panegyricos a hum tyranno, mas a hum cidadão; não dava louvores ao Senhor, mas ao pai dos seus subditos; em resultado, Plinio fallava de Trajano; e eu, eu não louvo Trajanos, nem Titos, nem Aurelios, ou Antoninos. Hum Principe mais pio e justo que aquelles Principes; o modelo de todos os Imperantes; hum Rei melhor que optimo Rei: em huma palavra, o Sr. D. João VI. primeiro Rei Constitucional dos Portuguezes. Eis aqui, Senhores, o sublime assumpto do meu discurso, por occasião da solemne e augusta inauguração da Real Effigie de Sua Magestade neste venerando Areopago, onde o immortal povo de Lisboa, dignamente representado pelos illustres Vereadores da Camara Constitucional, se-reune para levantar hum eterno mo-

numento da sua gratidão ás inefaveis virtudes de tão excellente Monarca.

§. 2. E quanto me não he necessario para preencher, como devo, esta commissão importante! Enumerar simplesmente as acções meritorias do varão extraordinario, de quem agora o elegio têço, he referir-vos aquillo de que sois sabedores. Embellezar a narração com os ornatos oratorios, he talvez lançar nodoas na pureza da verdade. Meu engenho assás limitado não póde competir com a grandeza do objecto. Fallo a huma assembléa Portugueza, e devo fallar de hum Monarca tão bom, tão justo. Que farei pois nesta conjunctura melindroza? Suppra o auxílio do tres vezes Santo, que neste glorioso dia se dignou enviar-nos hum mimo, proprio dos ceos, proprio delle, creando para os Portuguezes hum Rei qual he o Senhor D. João VI.: e vossa indulgencia, Senhores, releve os defeitos que eu possa commetter.

§. 3. Povos do universo, invejai a sorte de Portugal! A protecção celestial dispensada a Israel foi nos decretos do Altissimo reservada aos descendentes de Affonso Henriques. A lista dos Imperantes desta nação escolhida do Senhor das nações he o catalogo da angelica hyerarchia; e para cumulo de felicidade da presente geração marcou o Eterno com o seu proprio dedo na roda dos tempos o memorando dia treze de maio. Salve, ó dia de gloria, em que a lusitana gente fecunda origem topa da sua eterna ventura. Nasceu o grande Rei, delicias do seu povo, idolo dos portuguezes. Em torno do seu berço as virtudes voltejão: a bondade e a justiça alli o acompanhão: com o leite bebe o amor dos seus subditos: a religiaõ o nutre; a religiaõ o forma; a religiaõ santa do Verbo humanisado o colloca no thro-

no augusto de seus maiores: pio, clemente, justo, e dôce, no berço, na infancia, adolescencia, e virilidade; virtuoso e bom por natureza; tal he o eximio Rei, que o Providente concede aos povos da Lusitania.

§. 4. Mas que piedade, Senhores, a que gera as virtudes na alma de taõ excelso Monarca! Começai por este lado a pezar as brilhantes qualidades que ornaõ o espirito do Senhor D. João VI. Empenhado por habitos a manter os institutos dos seus avoengos, ao fundar o novo imperio do Brasil, sua docilidade se recusa a estabelecer alli a *inquisição* chamada atrozmente *santa*, que elle contempla como parto monstruoso do infermo revoltado contra a natureza. Brasileiros, erguei vossas maõs ao ceo; e sensiveis ao beneficio que haveis recebido na forma de cathegoria a que fostes elevados, gravai em vossos corações huma saudosa memoria deste Principe divino, o qual vos-inspirou as magnaminas virtudes que nutre em seu peito. Assáz religioso sem todavia ser fanatico, elle nunca tentou, nem do seu nativo caracter se podia esperar que tentasse, alimentar entre vós a crueldade religiosa. Trilhando os passos do fundador do christianismo, elle he sem contestação o modelo perfeito daquella brandura, que Jesus inculcava a seus discipulos. *Discite a me quia mitis sum.* Que Rei, Senhores! Parece mais hum Deos do que homem!

§. 5. Ah! quanta differença existe entre o tyranno, e o Monarca que ama cordialmente seus subditos, seus filhos! Hum suspira somente por destruir a nação inteira, com tanto que elle só nade em delicias dormindo a somno solto sobre as ruinas da patria desditosa: outro ao contrario não permanece tranquillo hum só momento sem felicitar cada hum dos

individuos que a Providencia entregou ao seu cuidado. *Nero* incendiava Roma para cevar seus mortiferos olhos em vistosas labaredas: *Codro* offerecia-se á morte para salvar os Athenienses. O tyranno obriga o povo a correr mil riscos para satisfazer a vaidade e capricho de hum favorito ou valido: o bom Monarca ao contrario sacrifica-se para remediar os males da patria: *Caligula* desejava que o povo romano tivesse huma só cabeça para a-decepar de hum gólpe; *Aurelio* dizia ao commandante da sua guarda: *Ahi tens essa espada para me defender em quanto eu cumprir exacto meus deveres; mas ella deverá servir para meu castigo, logo que eu mostre estar esquecido das funcções do meu ministerio, as quaes todas se reduzem a felicitar os romanos.*

§. 6. Oh Deos! quantas bençãos derramas sobre o povo que gosa a ventura de ser governado por hum bom Monarca! A peste, a fome, a guerra, a morte, encara resignado para haver de livrar a gente sua dos males que a ameação. Elle treme de horror ao approximar-se o ambicioso; pranteia as desgraças que pendem sobre a malfadada patria; e prostrado por terra invoca o auxilio da Divindade a favor do seu povo. Mas surdos os ceos, o invasor chega; as hostilidades são inevitaveis; ah! que angustias e amarguras attenuão, dilacerão, mortificão, despedação, o paternal coração de hum Rei tão bom! *Os ceos o querem* (diz elle); *devo sacrificar-me: soffra eu mil tormentos; mas não padeça o meu povo. Paciente arrostarei todos os perigos; e alem dos mares talvez encontre hum asylo, donde possa prover á segurança dos meus filhos.* Mas de quem fallo, Senhores? Sem duvida me prevenis. Vosso excellente Monarca, sim, o Senhor D. João VI., este bom Rei, para salvar seus amados subditos das garras do sanhudo

leão da Corsega; deixa seus lares, amigos, filhos, delicias, tudo. Saudoso e triste se entrega ás encapeladas vagas do bravo occeano, cujos perigos só conhece quem por elle navega: e no meio dos riscos seu espirito attribulado só contempla a orfandade dos Portuguezes que á sua retirada ficão sem Rei, sem irmão, sem amigo, sem pai. Penates injustos! Que peccados havião commettido os Lusitanos para serem com tanta severidade punidos? Possuir hum tal Monarca, e adorallo dentro d'alma, era esse o seu crime e nefanda iniquidade? E que delictos perpetrára este Rei magnifico para ser arrojado ás ondas, e desamparar hum povo que sensivel ás suas singulares virtudes o idolatrava sinceramente? Havia elle rubricado sanguinarias leis de Draco? Não ria, por ventura, ao salvar o homem justo? Acaso não chorava ao instar a justiça que fosse o reo punido? Tinha elle a sobreba de *Nabuchodonosor*, de *Achab* a impiedade, a ambição de *Alexandre*, a crueldade de *Nero*? Poderia, por ventura, o bom pai dos Portuguezes possuir a altivez e descarada insolencia do louco *Roboaõ*, que ás justas rogativas de hum povo flagellado respondia promettendo augmentar-lhe o grave jugo? Não, não certamente. O agricultor trabalhava satisfeito na vinha sem receio de vir a ser violentado a cedella ao Monarca, como o foi n'outro tempo o desditoso *Naboth* apedrejado por ordem da impia *Jesabel*. Sollicito pastor, deixando alegre a cabana innocente, onde sem ancias descançado dormia, vigiava tranquillo o nedeo rebanho, e das brancas ovelhas tirava o leite para seu alimento, e mais as finas lãs de que se vestia. O infatigavel negociante com prazer observava girar em torno de si o metal precioso, que serve de base ás operações do commercio, e sobre o qual se estriba o mundo civilisa-

do: fazia especulações com acerto, e seus calculos nunca sahião errados. O laborioso artista, achando a cada passo em que a industria empregasse, jamais ouvio chorar famintos filhos, porque á noite saboreava o fructo de suas uteis fadigas comia o que de dia ganhava. Os bravos guerreiros se á patria servião com bastantes incommodos, estes lhes erão sobejamente premiados, e retribuidos com largas recompensas honorificas e lucrativas. Os homens de letras achavão apoio, e as sciencias erão veneradas por todos. Fallai vós, respeitaveis Sacerdotes, que a cada momento recebieis daquella mão generosa centenas de beneficios; á face dos altares apregoai seus louvores, entoando sonoros psalmos, que contenhão a narração de seus feitos prodigiosos, os dictames, e juizos enunciados por aquella sagrada boca (*). Qual viuva, qual orfã, qual desvalido, pedio á este Monarcha huma graça, que a não recebesse? Aquella bondade sem igual, com que sempre acolheo todos os seus subditos!.... Ceos! E haveis podido consentir, que seu coração divino, centro de celestiaes virtudes, seja ao mesmo tempo o foco das angustias inseparaveis dos acontecimentos desastrosos, com que o destino infausto perturba o repouso do varão justo?..

§. 7. Tal he a ordem da natureza. A sorte estava lançada; e nos decretos da Providencia se havia exarado, que o bom Rei dos Portuguezes desamparasse huns filhos no mundo antigo, para reconhecer outros filhos em o novo mundo, onde devia fundar o imperio do Brazil. A quantas desgraças po-

---

(*) *Cantate ei, et prallite ei: narrate omnia mirabilia ejus... Mementote mirabilium ejus quæ fecit; prodigia ejus, et judicia oris ejus.*

rem não succumbe Portugal, perdendo na pessoa do seu Monarca ausente o esplendor, a riqueza, o poder, a gloria! Tempos de triste recordação! Epocas luctuosas! Fugi á nossa memoria. Em ambos os hemispherios ninguem ignora que os males que então acabrunhárão a Lusitania jámais podião ter origem no virtuoso coração daquelle preclaro e excelso varão, superior á todos os elogios. E como, Senhores, como haveria alguem que ousasse attribuir-lhe as desgraças da patria, se elle hum só momento não perde de vista seus subditos amados? A perspectiva de Portugal era outra com effeito; mas o bom pai desta terra desditoza tudo ignorava. Assoma porem a epoca em que deve soar a seus ouvidos o brado forte da revolução; eilo outra vez os mares surcando para com a sua presença augusta restabelecer os penates, a patria, os filhos, a Monarquia.

§. 8. Scenas só agradaveis desd'então se-preparão aos olhos dos Portuguezes; e daqui em diante seus peitos só tem d'engolfar-se em hum occeano de prazer e delicias. O throno vai firmar-se sobre solidas bases que a justiça depara no mutuo amor do Monarca e dos subditos: a gloria do povo do Rei he que nasce, e a gloria do Rei se-estriba no povo. Ah! que espectaculo mavioso e terno para os olhos do sabio, para a alma do filosofo! Resurge, natureza, recobra teus foros. Sirvão-te d'escarmento os erros que has commettido creando *Tiberios* e *Tamerlães*: melhora a massa de que fabricas os Reis; e sejão todos, pelo menos, hum simile remoto do Principe divino que rege os Portuguezes.

§. 9 Que bem formada alma, Senhores, que pai tão virtuoso, que homem superior aos anjos! Bem diverso do ambicioso e parricida *Cesar*, que se-vangloriava de levar o ferro e o fogo sobre Ponto, ac-

celerar a perda e ruina dos seus habitantes, chegar, ver, conquistar, vencer, destruir, escravisar em hum momento; bem por outra forma o grande Rei de Portugal apporta a Lisboa, olha para o estado das cousas, e vencendo-se a si e á sinistra mão do negro fado, conquista os corações dos seus subditos no meio do mais solemne triunfo, centuplicando-se o amor, porque em lugar da guerra lhes-vem trazer paz, em vez d'infortunios gloria, em troco de ferros liberdade. Este Monarca excellente não hesita hum instante em accelerar o jubilo dos Portuguezes, corre pressuroso ao seio da reunião nacional, e alli, cheio da mais completa satisfação, manda gravar em livros, em lapides, em peitos com indeleveis caracteres estas admiraveis palavras: *Eu juro, sim, no intimo do coração, no centro d'alma, guardar e fazer guardar a Constituição politica da Monarquia. Eu já em outro hemispherio havia prestado este juramento: agora o ratifico, e declaro solemnemente ao mundo inteiro que de bom grado aceito o novo pacto social, que o povo me offerece por mãos de seus representantes. A felicidade dos Portuguezes; eis-aqui meu unico voto, e emprego de meus paternaes cuidados.* Que gloria, que fortuna, Senhores, possuir tão bom, tão philanthropico Monarca!

§. 10. Dotado de um caracter constante, e firme, o Senhor D. João VI. ha sabido manter as amigaveis relações com a legislativa assembléa, que figura a nação. Por ser o chefe do poder executivo, o codigo fundamental o authorisa para denegar seu beneplacito ás leis, que julgar inexequiveis; mas este Rei, todo do povo, cedendo á opinião, e confiança publica jamais ha recusado sanccionar huma só resolução do Congresso Soberano; e sem perder occasião de manifestar o amor, que aos seus

subditos consagra, derrama multiplicadas caricias sobre qualquer Deputação do seio das Cortes, á similhança de hum pai, que se compraz de affagar seus mais predilectos filhos. E haverá quem se atreva a macular, com a suspeita de machiavellismo, a pureza do coração daquelle magnanimo Principe a toda a prova honrado, sincero, franco, e justo? Examinai os fastos da historia, e vêde se podeis encontrar as scenas enternecedoras, que multiplicadas vezes haveis presenceado nesta illustre capital. O Rei dos Portuguezes entre os representantes do povo emittindo votos notavelmente demonstrativos da sua adhesão ás publicas liberdades. *Augusto* mais de huma vez offereceo decisivas provas do fingimento com que escorava sua adherencia ao pleno exercicio dos foros nacionaes; mas o inclito, e bom Rei dos Portuguezes, Senhores, quantos sacrificios não tem espontaneamente feito para manter illibado o decoro do seu caracter? Vós sem duvida penetrais o misterio, que minha asserção encerra: basta; dai o justo valor á sinceridade, e candura de tão excellente Principe.

§ 11. *A indecisão, e a fraqueza são os peiores de todos os vicios do throno.* Eis huma das maximas politicas geralmente reconhecida como verdadeira: he porem infelicidade das sciencias positivas ou abstractas, que a maior parte dos seus principios são bellos em theoria; mas, descendo-se á pratica, á primeira intuição se conhece, que quasi tudo nellas redunda em puras logomaquias, e desta maneira os tempos, e as circunstancias vem a ser as bases mais solidas do direito, e da moral. A que chamão os philosophadores *indecisão, e fraqueza no throno?* Quem he para elles o Rei indeciso, e fraco? A esta hora, Senhores, parece-me ouvir huma rou-

ca trombeta dos gelados climas da Siberia respondendo aos interrogatorios, que acabo de fazer: *monarca indeciso* (diz a trombeta), *Soberano pusillanime he o Rei de Portugal, que não levou a ferro, e fogo os rebeldes escravos, os quaes tiverão a ousadia de levantar o estandarte da insurreicçaõ contra seu legitimo senhor.* = Misera, e mesquinha sorte dos mortaes!!.. *Exurge, quare obdormis Domine?* Levanta-te; porque dormes ainda, Senhor? Até quando, Architecto do mundo, has de consentir, que o genero humano concentre em si o objecto do odio dos governantes? Acaso te cançaste seis dias em fabricar o Universo para ser somente o jogo, e o ludibrio de alguns Monarcas?.. Trabalhaste com esmero na melhor das creaturas, empenhando toda a tua sabedoria na formação do homem; e consentes, que elle sirva de escarneo, e zombaria a huns poucos d'imperantes, que te olhão com desprezo, que postergão tuas leis? Levanta-te; porque dormes ainda, ó Deos?..

§. 12. Senhores, os despotas legitimos, e por graça do Omnipotente inimigos do genero humano, sem duvida contemplão as sublimadas virtudes, que o Senhor D. João VI. ha desenvolvido com superior heroismo nesta crise, marcando-as com o cunho da fraqueza, e indecisão: graças porem ás luzes, que já o philosopho enramando a fronte com a coroa do triunfo pode banhar a face de gostoso, e enternecido pranto. Oh Monarcha excelso, prototypo da justiça! Escutai sempre, como até agora, as vozes da philosophia, que penetrando os arcanos da região etherea aclama vossos feitos prodigiosos como nascidos somente de hum coração angelico, e celestial. Não offender a ninguem, felicitar o mundo inteiro, he dever de todo o homem, e he lei da

Divindade. Sim, Principe modelo do varão justo, continuai a ensinar aos Monarcas da redondeza, que possuis a intima convicção destas eternas verdades. Os Reis são homens, e os homens iguaes entre si na essencia; e apenas por accidente a virtude só pode distinguir do malvado o innocente. Cada huma sociedade civil he independente, e livre; e a cada huma compete o direito de se reger como quizer, sendo a base de toda ordem social este unico, e mui simples principio: *a vontade do maior numero.*

§. 13. Com effeito, Senhores, o tres vezes philanthropico, e justo Rei dos Lusitanos, sensivel aos impulsos do seu magnanimo coração, jamais podia perder huma occasião de insinuar aos outros Monarcas a observancia dos preceitos, que o Eterno gravára no peito humano. Ainda elle pisando o solo brasiliense, bem que se achasse em contacto com o paiz da Liberdade, parecia fluctuar na emissão dos seus votos, e já mui positivamente ordenava aos seus Ministros nas Cortes estrangeiras protestassem contra os desorganisadores, e subversivos principios propagados nos antropophagos congressos de Layback, e Verona. Confundi-vos, judeos politicos, que ousais denegar ao angelico Principe as inefaveis virtudes, que servem d'ornato á sua Augusta Pessoa. Se o amor, que elle consagra ao povo, que rege, he a origem primaria do seu zelo em conservar a paz entre os seus subditos querendo somente o que quer a nação; esse mesmo amor he tambem a causa efficiente daquella sabia coragem com que se apressa a repellir as injustas tentativas concebidas nos gabinetes estranhos contra os votos, e a Liberdade dos portuguezes.

§. 14. Apenas chega a Lisboa, este bom Mo-

narca tendo sempre diante dos olhos a felicidade publica reitera os protestos, que outróra havia mandado fazer contra a exotica, e perniciosa doutrina da legitimidade. Estes factos, Senhores, sobejamente provaõ, que o Senhor D. João VI. possue em sublimado gráo a sciencia de manter a dignidade nacional: eu vou entre tanto produzir outro, que traz á maior luz hum objecto de tanta transcendencia, porque só elle de huma vez confirma as altas virtudes de tão digno Rei sempre bom, sempre justo, sempre amante dos seus subditos. O fanatismo, este foco, e terrivel centro de todos os males, que o mundo ha supportado, origem vetusta de guerras encarniçadas para defender huma letra ou huma virgula de certa bulla pontificia, de certo canon de concilio, de certo capitulo de santo padre; o fanatismo suscitou em França hum digno precursor, o qual do averno recebeo a plutonica missão de preparar os caminhos do monstruoso, e infernal despotismo. Vós sabeis de quem fallo. *Chateaubriand*, este importante ermitão, e devoto romeiro, literatto genifero, e cantor de victorias religiosas, de pias guerras, de martyrios, de sangue derramado em nome de Deos; *Chateaubriand* illudio Luiz XVIII., e este infeliz Monarca inteiramente allucinado resolveo invadir Hespanha, preludiando as hostilidades com hum discurso escripto em letras de sangue contra as instituições liberaes da Peninsula. Apenas porem esta famosa oração sôa aos ouvidos do grande Rei dos portuguezes, ah Senhores! Que bem acabados modelos de governo admira a philosophia no gabinete de tão justo, e philanthropico Monarca, Resurge, natureza; recobra teus foros. Sirvão-te d'escarmento os erros, que has mommettido creando *Tiberios*, e *Tamerlaes:* melhora a massa de que

fabricas os Reis; e sejão todos pelo menos hum simile remoto do Principe divino, que rege os Portuguezes.

§. 15. Este Principe philosopho não hesita hum momento, Senhores, em declarar explicitamente a todos os Governos d'Europa quanto elle se compraz de ser o protector dos direitos da humanidade. Eu vos cito as mesmissimas expressões do Ministro d' ElRei em a Nota, que dirigio ao Encarregado dos Negocios Portuguezes em Pariz: " He inexplicavel " o assombro, e a indignação que causou nesta Corte, não tanto a manifestação da projectada guerra contra Hespanha, mas sim o desaccordo com " que esse Governo declara á França, á Europa, " ao mundo inteiro, que vai comprometter a paz " do universo para que Fernando VII. pela simples " razão de ser hum membro da familia dos Bourbons, " governe a Hespanha a seu arbitrio. . . . . Em quanto o ministerio francez derivava de principios (verdadeiros ou ficticios) que das desordens internas " d'Hespanha lhe provinha a justiça com que elle " se dispunha a hir de mão armada pôr huma barreira áquella torrente, que, no seu entender, ameaçava inundar não só a França, mas toda a Europa, era licito a cada hum duvidar da verdade do " facto, mas ninguem lhe podia contestar o principio de direito. Quando porem agora assenta por " base do direito com que vai entrar em huma guerra cujas consequencias são incalculaveis o facto " aliás indubitavel de que Fernando VII. não deu " mas recebeu da nação a Lei Constitucional com " que elle muito voluntariamente acceitou o throno " d'Hespanha, não he licito a nenhum Governo d' " Europa authorisar com o seu silencio hum principio tão subversivo de todos os Estados. Ordena

" por tanto Sua Magestade, que V. S. logo que
" receba este Officio dirija a esse Ministerio huma
" Protestação concebida nos termos, sim, os mais
" decentes, mas ao mesmo tempo os mais positivos,
" e energicos contra o mencionado principio, ac-
" crescentando, que Sua Magestade Fidelissima
" espera, que elle não seja levado a effeito pelo Go-
" verno de Sua Magestade Christianissima. . . . Mas
" se frustrando-se estas esperanças acontecer, que
" o exercito francez venha a entrar, em consequen-
" cia daquella fatal doutrina, no territorio hespa-
" nhol; V. S. tem ordem para se retirar immedia-
" tamente desse reino, a fim de fazer constar ao
" mundo inteiro quanto a nação portugueza, e o
" seu augusto Chefe tem em horror principios tão
" contrarios á segurança dos Governos, quanto des-
" truidores da tranquillidade dos povos." = Que grande Rei, amigo da humanidade!!! Este Principe divino, Senhores, não se contenta de enunciar com tanta franqueza seus votos ao gabinete francez: transmitte aquella Nota aos seus Agentes nas differentes Cortes, e lhes ordena expressamente fação constar aos respectivos Governos os signaes de desapprovação, que elle julga proprio de Sua Dignidade emittir contra o mencionado principio do Ministerio de França, *contra um principio* (assim mesmo se exprime) *o mais contrario aos imprescriptiveis direitos de todas as nações.* Viva o grande Rei dos portuguezes, amigo da humanidade!!! He sim este, Senhores, o Rei, que David celebrava nos seus psalmos; Rei de virtudes, do povo amado, predilecto do Altissimo; *Rex virtutum dilecti dilecti.* Não sem justos motivos podem hoje os Portuguezes cantar em louvor de tão adoravel Monarca o famoso hymno com o qual o mais eloquente dos

prophetas hebreos annunciava o natal do Salvador do mundo (*): neste dia aos nasceu hum pequenino, e nos foi dado hum filho, e sobre seus hombros collocado o pezo do governo: suas altas virtudes lhe grangearão a estima de ambas as redondezas; e na terra, e nos ceos elle será conhecido por os honrosos nomes de admiravel, prudente, corajoso, pai da patria, e do seu seculo, monarca pacifico, principe divino, principe amante do socego, e felicidade de todos os povos, venerador da natureza, e dos direitos das nações. Viva o grande Rei dos Portuguezes, amigo da humanidade!!!

§. 16. Lugubres pensamentos, ideias tristes que agora assaltão meu espirito! Tudo caduca no mundo; e a virtude, bem que mui estaveis sejão seus effeitos, he onde mais assesta seus tiros a instabilidade da sorte. Gozava Portugal de incomparavel ventura invejada por todas as nações, havendo-se regenerado sem o estrondo guerreiro, e alterado a forma do governo sem effuzão de sangue humano; e no throno de gloria seu Monarca idolatrado offerecia a todos os mundos hum espectaculo bem digno dos ceos, que servem do asilo á eternidade, aos bem aventurados, aos anjos, ao Creador. Mas a ignorancia de mãos dadas com o egoismo, este monstro infernal, satellite das furias, ouzou apparecer na superficie da terra lusitana, e mordendo-se de raiva, ao invejar ventura tanta, suscitou hum infame *Silveira Amarante*, commissionando-lhe o restabelecimento da velha servilidade, da antiga escravi-

(*) *Parvulus natus est nobis, et filius datus est nobis; et factus est principatus super humerum ejus; et vocabitur nomen ejus, admirabilis, consiliarius, Deus fortis, pater futuri seculi, princeps pacis.*

dão. Em huma das provincias he arvorado o estandarte da rebellião; accende-se o facho da discordia, atea-se o incendio da guerra civil, e abalando-se a maquina politica do Estado, seus movimentos vaõ chocar sobremaneira o sensivel coraçaõ do Monarca, o qual no meio dos transportes da sua dor exclama: *Por pouco sangue portuguez que seja derramado, eu hei de ter a coragem de rubricar a sentença de morte d'aquelle indigno traidor!* O' Principe modelo de todos os principes do mundo, naõ he a adulaçaõ, mas a filosofia que vos acclama hum Deos. Voss'alma naõ he humana certamente, naõ: e se o-he, entaõ o filosofo anatomizando a natureza naõ póde prescindir de vos-reconhecer como o primeiro de todos os mortaes. Qual outro Joaõ, que Christo estimava em mais que hum propheta, vós naõ sois senaõ hum homem sobrenatural, e sem fazer injuria áquelle extraordinario varaõ da Judeá, os Portuguezes tem direito a applicar-vos tudo quanto o Salvador dizia delle: *Non surrexit inter natos mulierum major Joanne.....* Naõ houve ainda entre os homens hum maior que Joaõ.....

§. 17. Na verdade, Senhores, he impossivel achar expressões que possão bem designar a grandeza das virtudes do excelso Rei de Portugal, quando o considero punindo os nefandos crimes de *Silveira d'Amarante*, cujas horrorosas tentativas se encaminhavão somente a immolar a patria ao absolutismo monarquico. *Olhe cada hum para si*, (dizia o orgaõ da natureza, o sem igual *Filangieri*, combattendo os erros de Montesquieu, sobre o principio da execuçaõ das leis) olhe cada hum para si, examine seu coraçaõ, e confesse que o estimulo das suas acções he = o amor do poder, = dezejo de governar. = Os filosofos affirmaõ contestes que do

amor proprio derivaõ todos os officios humanos: chamaõ em seu soccoro a experiencia, e com effeito ninguem póde ignorar que he esta a lei primordial do universo. Ora sendo o que acabo de expôr verdade de primeira intuição; que deveremos ajuizar daquelles que desde o berço tem contrahido o habito de dominar, encarando com menoscabo huma nação inteira, que prostrada por terra diante do throno, espera huma voz, hum aceno para ser mui feliz ou mui desditosa? *Cristisna* abdicando a corôa de Suecia, com a declaração de que para ella mais valia o Parnaso que o sceptro, deixou entrever o cynismo dos *Antisthenes* e *Diogenes*; debaixo de cujos esfarrapados mantos distinguia *Socrates* a mais refinada soberba. *Stanisláo Leczinski*, considerado como o modelo da Filosofia na abscuridade, a que o conduzio a perda do throno de Polonia, patenteou, não sei que altivez, fugindo á solidão e apparecendo em Dantzick. Mas onde irei descobrir com que possa fazer o parallelo dos sublimes dotes que adornão o incomparavel Rei dos Portuguezes? A historia não faz menção de hum Monarca tão virtuoso. As lapides não attestão exemplos similhantes. Feito tudo para todos os seus subditos, o Senhor D. João VI. só pensa, só falla, só obra o que pensão, fallão, e obrão aquelles no meio dos quaes empunha dignamene o sceptro. Não abdica a corôa, nem reivindica o absolutismo; mas firma com solidez o throno e preside á execução das leis, porque he essa a vontade da nação que lhe presta obediencia. *Constituição* (assim se exprime este inclito Monarca dirigindo-se aos Transmontanos) *Constituição; eis o voto de todos os Portuguezes.* Ah Senhores! E qual outro poderia ser o de hum tal Rei? Se os fados guiavão *Christina* de Suecia, a guia invariavel do Senhor D. João VI. he somente

a vontade geral dos seus subditos que elle ama como filhos predilectos.

§. 18. E como te atreves, infame *Silveira*, a invocar o nome santo do varão justo, querendo com elle justificar maldades? Porque tentas, hypocrita, este Principe divino? Julgas acaso que hum Rei de virtudes pode amar o despotismo? Ou pensas que o Rei de Portugal não he virtuozo? Dize, ingrato; essas honras e medalhas que tanto fomentão tua vaidade, são ellas producto de algum merecimento, ou vierão da mão generosa daquelle Monarca, ao qual só apraz fazer beneficios? Não sentes ainda morder-te a consciencia, ainda não crês que hum Principe tão bom por natureza e caracter, só pode querer o que he de justiça, de lei, de razão? Dize, traidor; se o Rei dos Portuguezes não amára dentro d'alma o systema actual, surcaria largos mares desde longinquos paizes, para vir abraçar-se com seus filhos em Europa? Naõ tinha elle estreitas allianças com os Soberanos, que á mão armada forão destruir a liberdade de Napoles? E que fez este divino Principe? Dize, indigno! infame! ingrato! traidor!!!

Senhores, meditei a historia; e tive o prazer de encontrar hum passo bem appropriado ao comportamento do Senhor D. João VI. nesta crise melindrosa: o Messias repellindo as tentações de Satan, que do monte lhe mostrava todos os reinos do mundo, offertando-lhe ao mesmo tempo a gloria de os dominar. Impeccavel por sua celestial essencia, o Rei dos judeos naõ podia sentir estimulos de ambiçaõ; justo e bom sobrehumanamente o Rei dos portuguezes, foi insensivel ás suggestões de *Silveira*, que dos montes o mimoseava com o poder absoluto. Aquelle abandona Satan aos infernos, *vade Santana*: este exauctora *Silveira* de todas as honras, e promette

firmar a sentença que o faça abandonar aquellas moradas, *ubi nullos ordo, sed sempiternus horror inhabitat.* O traidor he hum Satan; o Senhor D. João VI. hum Deos.

§. 19. Não vos deve certamente causar admiraçaõ, Senhores, que eu com affluencia prodigalize a taõ virtuoso Monarca os apithetos designativos dos dotes, que a religiaõ attribue ao Ser Supremo. Se por sorte me coubera fallar a corações endurecidos, a respeito dos quaes se verificasse o anathema comminado por *Isaias* ao povo de Judá, eu deveria córar de pejo na certeza de que meu auditorio tomava com desprezo minhas expressões, julgando-as nascidas de hum peito baixo, asilo, e centro de grosseira adulação. Mas não, naõ fallo aos habitantes de Israel, cujos olhos de ordem celestial vendados naõ podiaõ ver os prodigios do Messias; cujos corações petrificados naõ podiaõ sentir os effeitos da prégaçaõ do Salvador. As ruas, as praças, os templos, edificios, monumentos, vozes, e peitos, tudo em huma palavra, tudo em Portugal appregoa unanimemente os louvores deste Rei incomparavel, que nomeiaõ *pai da patria, e do seu seculo, amigo da humanidade, e bem acabado modelo dos Monarcas do Universo.* E quem mais digno de taõ respeitosos titulos do que o theocrata lusitano, que possue hum coraçaõ a toda prova justo, sincero, sobrehumano, divino? Examinai no catalogo das virtudes qual he a maior, a mais alheia dos mortaes, e mais propria do tres vezes Santo, para se fixar com verdade o caracter do Senhor D. João VI.

§. 20. Soffrer com resignaçaõ a sorte sinistra, os tormentos, o martyrio, a morte; julgais acaso, que he este o mais sublime dos dotes, que servem de ornato a huma alma virtuosa? Humano coraçaõ

resiste á dor, e se naõ fôra a violencia, o condemnado se evadira sem duvida á perseguiçaõ. Amar seus similhantes, fazer-lhes todo o bem, que he possivel, evitar o criminoso ocio, ser prudente, justo, sobrio, e corajoso? Todas saõ virtudes excellentes, mas nenhuma igualla á comizeraçaõ, e beneficencia dispensada ao inimigo. Se outros testemunhos naõ restassem da divindade de Christo, bastava a oraçaõ por elle dirigida a seu Pai Celestial em favor dos algozes, que o crucificavaõ. A' similhança deste Deos, o Senhor D. João VI. perdoa aos Vandalos do Sena os males, que lhe causaõ arrojando-o dos Estados Portuguezes; e, o que mais he, ordena mui positivo, que se lhes prestem os officios de hospedagem, e amizade. Mas estas virtudes saõ triviaes: em materia de guerra sempre se observa de hum lado a prudencia, e d'outro a tyrannia. Que deverei pois dizer? Que o Rei de Portugal naõ tem inimigos entre seus subditos? Naõ hesito affirmallo. Em seu reinado succedem-se humas ás outras bem differentes epocas; mas este bom Rei concilia os espiritos, conquista os corações, e em todas as crises a todos agrada, e todos o aclamaõ *pai da patria, e do seu seculo, amigo da humanidade, perfeito modelo dos Monarcas do mundo.* O Senhor D. João VI. naõ he homem certamente; he sem duvida hum Deos.

§. 21. Concedamos-lhe porem, Senhores, a essencia da mortalidade, e neste momento supponhamos hum impossivel. Figuremos, sim, que o Rei de Portugal, obrando como homem, se ressentia do sacrificio de perder aquelle absolutismo, que contra sua natureza, e vontade o tornava despota na administraçaõ manejada por os que o rodeavaõ: ei-lo inimigo implacavel dos *Fernandes*, *Carvalhos*,

Borges, *Sepulvedas*, *e Mouras*; que regenerando a patria debellárão o monstruoso monarquismo illimitado: elle os abandona, elle os persegue, elle os encara com raiva, e rancor. Mas quão diversa he a scena, que por este lado offerece ao Universo o incomparavel Rei dos Lusitanos! Sensivel aos beneficios, que a patria recebêra de tão illustres varões, o Senhor D. João VI. he o primeiro a reconhecer seu alto merecimento. Elle os chama á roda de si; e em vez de os abominar, considera-os como seus verdadeiros amigos, confiando lhes o leme do Estado. E porque a lei Constitucional lhe vedava conferir empregos ao immortal *Fernandes*; este bom Monarca, que buscava opportuna occasião de patentear áquelle Patriarca da Lusa Liberdade sua veneração, e estima, não consentio, que elle perdesse o ultimo alento sem o mandar cumprimentar por hum dos maiores officiaes da Sua Real Casa, o mui nobre, e affavel Marquez de Loulé.

§. 22. Ah Senhores! Que vasto campo á mente do pensador offerece a sabia conducta do Senhor D. João VI. para com aquelles, que projectárão, e desenvolvêrão a heroica revolução do anno 20.! Com quem poderei comparar este Rei magnifico? Qual Monarca operou tão prodigiosas acções? Qual homem tantas virtudes? Perdoar as injurias he mui trivial entre as bem formadas almas. Accumular de beneficios seus inimigos he mui proprio dos grandes espiritos, e mui d'ordinario, unica vingança, que os Reis tomão daquelles, que os tem offendido. Mas estas circunstancias não se reunem no facto proposto. O Rei de Portugal prestando sua estima aos Regeneradores da patria não perdoa injurias, porque intimamente convencido da necessaria bondade do systema actual, ama de coração o novo pa-

cto, que com elle ha celebrado a gente Lusitana. Dest'arte naõ podia nutrir em seu peito nem mesmo huma sombra de resentimento contra aquelles heroes, e pondo nelles toda a confiança emitte não equivocos signaes do appreço, que faz do seu merecimento. *Henrique* IV. punia os rebeldes, ordenando ao seu exercito soccorresse os sitiados com os alimentos de que precisassem, e clamando a cada instante no furor do combate, *salvai os Francezes*: mas o excelso Principe da Lusitania não encara rebeldes nos Regeneradores, e por consequencia não pune, nem se vinga. Offerecendo-se em voluntario holocausto nos altares da nação, o pai da patria se identifica com ella; seu norte constante he a vontade geral dos subditos, que adora; e vezes sem numero maior, que o grande *Henrique* de França, o Senhor D. João VI. transcende a meta da nossa intelligencia. Se he homem este Principe, não o he puramente; he homem divino. Não pode o filosofo descobrir na terra hum simile adequado, e nos Céos apenas distingue o Eterno, que lhe equipara. Portuguezes; reconhecidos ás virtudes incomprehensiveis de tão singular Monarca, erigi-lhe huma lapide com esta inscripção:

Seus dotes repartiu, e sua mente
C'o Rei do Olympo o Rei da Lusa gente!

§. 23. Que ternura inexplicavel, Senhores, sinto narrando os prodigios, e assás meritorios feitos deste Principe adoravel! E qual o filosofo, que se não enterneça contemplando hum objecto tão digno de suas meditações! Eu lanço minhas vistas sobre o orbe inteiro, e conheço, que existe com effeito hum Ente Soberano diverso da natureza, e author

della mesma. Mas quando nos agiographos estudo os caracteres do Altissimo, em resultado dos meus exames concluo que ao incomprehensivel Rei dos Portuguezes apenas falta a *invisibilidade* ou *desconhecimento* para ser aquelle que o mais sabio dos apostolos propunha ao culto do areopago; e que, quanto aos mais attributos, a descripção do Eterno feita nas Escrituras, he na verdade o perfeito retrato deste Principe divino. *Eu quero misericordia e não sacrificio*, diz o Creador por boca de *Oseas*: assim a compaixão e a clemencia constituem a primeira e mais caracteristica nota da Divindade. E quem mais compassivo e clemente que o adoravel Monarca dos Lusitanos? Fallai, victimas sem conto que aquella generosa mão ha salvado no momento em que ieis ser immoladas nos altares da sanguinaria Astreia. Eu, sim, eu mesmo não teria a consolação de me achar hoje neste augusto recinto, e com que destino! se não devera a liberdade áquelle tão pio, tão clemente, tão misericordioso Rei. Tempos de ignorancia quanto vos dezejo! Indulgentai, Senhores, á minha sensibilidade proferir agora, hum paradoxo apologetico. Tempos de ignorancia, quanto vos dezejo! Se me não obstassem as luzes do seculo, collocára de certo sua imagem em soberbo templo: o Senhor D. João VI. para mim he hum Deos. O inappreciavel beneficio que acabo de receber de Sua Real Munificencia tem produzido em minh'alma as mais gratas sensações; e no meio dos transportes que suggere o reconhecimento não posso deixar de emittir sinceros votos de gratidão, servindo-me das palavras do sabio e santo Monarca propheta (*): Monarca

(*) *O Domine, quia ego servus tuus: ego servus tuus, et filius ancillae tuae. Dirupisti vincula mea: tibi*

excelso, ó Rei de virtudes, Senhor de piedade, clemencia, e compaixão! Eu sou o vosso servo humilde, e filho de huma vossa escrava. Estes pulsos, que a bem da patria, nos mundos ambos, tanto se-esforçarão, foraõ agrilhoados por a negra e perfida calumnia; mas vós, Senhor, os desprendestes, quebrando a hum piedoso aceno os vergonhosos ferros que os algemavaõ. Sensivel pois ao bem sem preço que me-haveis conferido, eu hei de sacrificar-vos a mente grata e o peito reconhecido, victimas de louvor; e gravando no coraçaõ com letras de amor vosso nome sagrado, eu o invocarei sempre na dor e no prazer, porque he o nome devino que muito me apraz invocar. A gratidaõ, Senhor, que voto ás vossas inefaveis virtudes, jámais poderá occultar-se: na presença do povo que dignamente mandais, eu sempre enunciarei meus respeitosos sentimentos para com aquelle que, restituindo-me á liberdade, minh'alma livrou das augustias da morte. Sim, Rei de virtudes, em quanto eu viver, cantarei as vossas grandes misericordias; e minha voz eternamente agradecida annunciará ás futuras gerações os dotes celestiaes que formaõ o vosso coraçaõ divino.

§. 24. Ah! Côro de pejo neste momento por me faltar a eloquencia. O peito luta com o orgão da expressão: sinto extraordinariamente, mas não sei explicar-me. A'sabedoria de meus ouvintes deixo qualificar as sensações relativas á indulgencia comigo praticada por taõ virtuoso Monarca. Notai, Senhores, que se me imputava o crime de haver faltado ao respeito devido á Sua Augusta Pessoa. Apenas me

---

sacrificabo hostiam laudis, et nomen Domini invocabo. Vota mea Domino reddam in conspectu omnis populi ejus.

achei fóra dos ferros, corri agradecido a beijar aquella maõ beneficente. Que affabilidade superior á humana comprehensaõ! Elle me recebe com todo o agrado; e quando reitéro os protestos de minha innocencia, porque emfim era moralmente impossivel haver manifestado animo de o injuriar, elle me diz com ternura: *Eu estou bem persuadido que não fez o que dizem.* Oh Rei incomparavel, Monarca sem igual!.. Céos! Deos! E naõ eternisais hum Principe tão bom?.. Os Lusitanos não vos supplicão riquezas, nem paz, nem honras, nem felicidade. Os dezejos e os votos de todos os Portuguezes se reduzem a hum só, *a vida, e saude do Senhor D. João VI.* Já outr'hora vosso braço omnipotente se dignou prorogar por mais quinze annos a existencia do santo *Ezechias:* ouvi pois da mesma sorte os incessantes clamores deste povo escolhido, que só do throno de hum tão justo Rei póde aguardar suas delicias, complacencias, e tudo. Identificados com elle, sem elle os Portuguezes perderão o seu Ser. E podereis consentir, que se aniquille aquella gente, á qual haveis concedido protecção especial? O Senhor D. João VI. he a vida, he a alma, a existencia, a riqueza, e a felicidade dos seus subditos amados. Céos, sede justos. Para bem do universo o Rei da Lusitania deve ser immortal.

§. 25. A' manifestação da vossa gloria, ó Deos, ao fim primario dos vossos trabalhos na creação da natureza convem absolutamente, que exista sempre este Monarca magnifico. Admiravel composto de celestiaes virtudes o Senhor D. João VI. he o astro brilhante, que todos os povos encárão como aquelle, que servindo de modelo aos imperantes do orbe, na manutenção dos direitos da humanidade, deve ser hum dia o salvador do mundo inteiro. Lan-

çai vossas vistas sobre quanto haveis creado, e vereis, que não ha outro governante tão justo, outro varão tão excellente. Absorta em contemplar seus incomparaveis dotes, a filosofia se enche de plena satisfacção gloriando-se de encontrar na terra hum homem a quem possa queimar honrosos incensos sem mesclar taõ gratos cheiros com os perfumes da adulaçaõ. Observante fiel das leis sagradas, que vosso dedo omnipotente gravou nos corações, e em todos os seres, o Senhor D. João VI. naõ pratica virtudes, he antes o prototypo dellas. Quem mais humilde, que este Monarca, o qual prostrado diante do vosso terrivel throno espera submisso, e com resignaçaõ vossos decretos severos, e inexoraveis? Quem mais pio, e religioso, que elle? Quem mais justo, prudente, corajoso, e sobrio? Quem mais pacifico, e tranquillo? Quem mais generoso, clemente, e compassivo? Quem mais amante dos seus subditos? Quem mais amigo da patria, e da humanidade? E naõ querereis, ó Deos, eternisar taõ bom Principe?..

§. 26. A natureza, Senhor, já está cançada: he tempo já de retomar o genero humano aquelle posto primitivo em que fôra por vós collocado no acto da sua creação. E quem melhor, que o Rei dos Portuguezes para ser o instrumento do vosso poderoso braço? Se he certo, ó Deos, que entregastes a terra á disposição do homem para servir á sua felicidade; como consentis, que o homem na terra gema eternamente oppresso? He tempo, he tempo de descançar o mundo. O imperio das luzes tem feito conhecer aos povos o interesse, que tomais na causa da sua Liberdade; protegei-os, Deos de doçura, inspirando a seus governantes os virtuosos sentimentos de que abunda o peito magnanimo do

Senhor D. João VI. As nações admirão seus feitos gloriosos; os povos o acclamão seu pai, e salvador; sigão seus passos todos os Monarcas. E para, que os Reis da terra nunca possão desviar-se das veredas, que devem trilhar, por falta de hum prototypo, que continuamente estudem, e vejão, conservai-lhes o modelo: e á similhança de *Henoch*, e *Elias*, que haveis eternisado, Viva para sempre o Rei de Portugal.

F I M.

18-495

C823
P228p

CC (Borba II, 658)
DJ 6/17/14